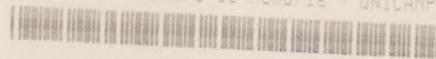


GUILHERME, José. Uma crítica musical.  
Paulo, 30 nov. 1978.

O Estado de São Paulo, São

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029986

O Estado

Uma crítica musical

30. 11. 78

Sr. Redator

Na edição do último dia 26 de novembro, constatei com estranheza um questionamento a "algumas idéias expendidas" por mim, num comentário crítico publicado na edição de 19 do mesmo mês, onde teci considerações sobre a atuação da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas.

Digo, "com estranheza", porque notei por parte do questionador, sr. José Alexandre dos Santos Ribeiro, de Campinas, uma mal disfarçada tendência, inclinada a distorcer o meu posicionamento, através de uma interpretação pessoal comprometida e intencionalmente falsificadora dos conceitos por mim expedidos.

Primeiramente, não procedo a afirmação de que "o sr. José Guilherme critica a Funarte, por estar patrocinando um concerto que não apresenta peças de compositores brasileiros". O que escrevi, e isso pode ser facilmente constatado é que: "Curiosamente o patrocínio foi da Funarte". A curiosidade reside no fato de que "alguém" ludibriou a Funarte não cumprindo uma norma da mesma que estabelece a obrigatoriedade de inclusão nos programas, não de uma peça mas de um terço de obras compostas por autores

brasileiros, com a agravante de ferir um dispositivo legal, que na opinião do missivista representa "um insuportável provincianismo cultural", qual seja, o Decreto 50.929 de 8 de julho de 1961, que obriga a inclusão de pelo menos "uma obra de autor brasileiro em cada programa".

Em seguida tenta justificar a omissão relacionando diversos nomes de compositores brasileiros já apresentados pela referida orquestra. Essa justificativa é desnecessária pelo fato de que criticamos a programação do dia 16 de novembro de 1978 e não o trabalho anterior do conjunto campineiro.

Logo depois, simula uma síntese do terceiro parágrafo por mim redigido, enfatizando uma afirmação que fiz e que no contexto se destina a enaltecer o esforço dos músicos campineiros, como pode ser constatado a seguir: (Crítica) "As dificuldades provenientes da escrita angulosa e cerebral de Anton Webern, cujo conteúdo, temos a certeza, poucos entre os componentes da orquestra conseguiram captar, como também as exigências técnicas nada simples da obra de Mahler, não foram obstáculos para que os músicos campineiros nos oferecessem uma execução de bom nível"; (Síntese do sr. Santos Ribeiro) "O sr. José Guilherme...faz uma afirmação restritiva um tanto grave,

de que "tem certeza" que poucos entre os componentes da Orquestra conseguiram captar o conteúdo "da escrita angulosa e cerebral de Anton Webern ... como também as exigências técnicas nada simples da obra de Mahler". Ora, com respeito à afirmação que fizemos, deveria saber o sr. José Alexandre que em todas as atividades humanas existe um percentual de indivíduos que, embora aptos ao exercício da sua profissão, o estão apenas em nível artesanal, sendo mínimo o número daqueles a compreendê-la em profundidade e os músicos não fogem à regra. Não bastam os esclarecimentos durante os ensaios, nem tampouco as "ótimas palestras, na véspera do concerto", como afirma, para suprir as deficiências de um ensino musical deficiente como o nosso.

Quanto aos elogios que o missivista endereça à sua Orquestra, na qual constata "as boas realidades presentes", e que podem perfeitamente ser creditas na conta de uma euforia incontida, compreensível e justificável, embora esta sim carregada de um certo "insuportável provincianismo", nada a contestar. No mais, fica a nossa estranheza.

Qual é a sua, José Alexandre?

José Guilherme, Capital